

# Hesitação e interrupção do ponto de vista interacional\*

---

Mercedes Fátima de Canha Crescitelli\*\*  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

## Resumo

Considerando a perspectiva sócio-interacionista dos estudos de língua falada, neste trabalho tratamos da influência da dimensão interacional na ocorrência de hesitação e interrupção, utilizando, para isso, inquéritos do Projeto NURC-SP, mais especificamente os denominados D 2 - diálogos entre dois informantes, por considerar sua co-produção discursiva ativa e seu teor de maior dialogicidade. Utilizamos estudos empreendidos por pesquisadores da Gramática do Português Falado, entre os quais Marcuschi, assim como as regras para uma gramática do diálogo, que considera necessário analisar as ocorrências em seus contextos estratégicos mais amplos, avaliando-as segundo o sucesso da comunicação.

**Palavras-chave:** interação; hesitação; interrupção; dimensão discursiva

## Abstract

Based on the socio-interactionist perspective in the spoken language studies, this paper deals with the interactive dimension influence in the occurrence of hesitation and interruption in D 2 - dialogues between 2 informants, from the NURC-SP Project, for considering them as having a discursive co-production and a higher dialogical content. As theoretical basis, we use studies developed by researchers of the Gramática do Português Falado (Spoken Portuguese Grammar), such as Marcuschi. We also use the rules for a grammar of dialogue that demands an analysis of the occurrences in their wider strategic contexts, evaluating them according to their success in the communication.

**Key words:** interaction; hesitation; interruption; discursive dimension

---

\* Recebido em 14 de outubro de 2008. Aprovado em 27 de outubro de 2008.

\*\* Doutora pela USP, pós-doutoramento na Universidade Federal de Pernambuco, é professora na Categoria Associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa.

## Résumé

Dans ce travail, tout en considérant la perspective sócio-interactionniste des études de la langue parlée, nous examinerons l'influence de la dimension interactionnelle dans l'occurrence de l'hésitation et de l'interruption. Pour cela, nous utiliserons les dialogues du Projet NURC-SP, plus spécifiquement ceux només D 2 - Dialogues entre deux sujets, étant donné leur co-production discursive et leur degré de dialogisme. Nous nous basons sur des études menées par des chercheurs de la Gramática do Português Falado (Grammaire du Portuguais Parlé), parmi lesquels Marcuschi, ainsi que sur des normes pour une grammaire du dialogue, selon laquelle il est nécessaire d'évaluer les occurrences dans leurs contextes stratégiques plus larges, tout en les évaluant selon le succès de la communication.

**Mots-clé:** interaction; hésitation; interruption; dimension discursive.

## Introdução

Não só para o conhecimento da natureza do fenômeno da hesitação, mas também — e principalmente — para a divulgação e disseminação da própria Análise da Conversação no Brasil, a atuação de Marcuschi, seu incentivo e os seus estudos — como é de conhecimento de todos — foram fundamentais. No caso especificamente da hesitação, um dos focos deste artigo, ele contribuiu decisivamente em seus trabalhos de 1993, 1995, 1999, 2006.

Tendo por objetivo considerar a influência da motivação interacional em ocorrências de hesitação e interrupção no texto falado, ou seja, em dois dos fenômenos inseridos na rubrica *descontinuidades*, apresentamos e discutimos, neste texto, trechos de diálogos entre dois informantes (D 2) do Projeto NURC-SP nos quais elas aparecem, selecionados evidentemente em razão desse objetivo.

Foram utilizados quatro D 2, os de números 62, 333, 360 e 396, publicados em Castilho & Preti (1987). Para a observação das ocorrências, descartamos os trinta minutos iniciais de cada inquérito, a fim de evitar, sobretudo, a menor naturalidade desses trechos devido às dificuldades no começo da gravação com que se deparam geralmente os informantes, trazidas pelo equipamento de gravação e pela presença do documentador.

Idéia importante aqui é a consideração de que, metodologicamente, ao contrário do monólogo, a conversação oferece ao analista do discurso um recurso valioso: cada turno é seguido por um outro, no qual temos demonstrada a "análise" feita pelo interlocutor em relação àquele primeiro turno, sendo esse material rico para o analista da conversação.

Neste artigo, tratamos inicialmente das descontinuidades da língua falada considerando o avanço importante que houve em seu estudo e, depois, focamos os aspectos teóricos da hesitação e interrupção para fazer a discussão proposta. Consideramos, para as primeiras ocorrências apresentadas, o ponto de vista do falante em cuja fala ocorre interrupção e, para as demais ocorrências, o ponto de vista do ouvinte que interage com um falante que hesita ou se interrompe. Ao longo dessa discussão, lançamos mão de outros estudos que nos permitem focar a dimensão interacional.

### **Descontinuidades em língua falada**

Há pouco mais de dez anos, discutimos o fato de determinadas descontinuidades da língua falada serem vistas como disfluências, defendendo que necessitavam ser analisadas discursivamente e não apenas no nível do enunciado, na materialidade textual (Crescitelli 1997).<sup>1</sup> Baseávamo-nos naquele momento em Marcuschi (1991) que mostrou que a Análise da Conversação havia explicitado a influência do componente interacional sobre as decisões dos falantes no nível gramatical, o que explicava, por exemplo, as descontinuidades sintáticas nos textos falados.

Uma contribuição importante também era a de Betten (1976), que postulou que somente uma análise interacional poderia diminuir a dificuldade de delimitação entre elipses e anacolutos e explicar convenientemente a frequência das quebras oracionais, tendo por essa razão formulado estratégias para uma *gramática do diálogo*. Enfatizando que os elementos lingüísticos utilizados nessas estratégias devem ser descritos por intermédio de sua inserção em contextos de conjuntos estratégicos mais amplos e ser avaliados segundo o sucesso da comunicação, a autora mostrou que a classificação sintática das ocorrências deveria se dar como último passo da análise, ao contrário do que se fazia tradicionalmente. Assim, Betten (1976) elaborou algumas regras para o uso das diversas estratégias, à maneira de Grice e Gordon/Lakoff, por meio das quais muitas ocorrências de interrupção no texto falado podem ser explicadas:

- a) não diga o óbvio (para não entediar, não tomar tempo dos outros, não desperdiçar energia, e poder concentrar-se na formulação do que é importante/novo na comunicação); b) não diga coisas incompreensíveis (para atingir seu objetivo, não ser

---

<sup>1</sup> Atuamos no Grupo da Gramática do Português Falado, inicialmente como pesquisadora-auxiliar, o que evidentemente influenciou esse trabalho de 1997.

incompreendido ou mal interpretado, *não perder o contato com o parceiro*, não aborrecê-lo ou envergonhá-lo etc.); **c)** não diga coisas sem compromisso (que não correspondam a sua opinião, para não confundir o parceiro e com isso prejudicar sua relação com ele, para não ser mal visto, julgado falsamente, desprezado ou sofrer outras sanções semelhantes). Daí podem-se deduzir as seguintes regras de uso: **i.** sempre que perceber que o ouvinte entendeu o que você lhe deseja participar, a continuação de sua fala, em muitas situações, é desnecessária ou inadequada (*como consequência, ocorrem quebras oracionais ou elipses*); **ii.** sempre que perceber que o ouvinte não (mais) o compreende, *interrompa* sua fala, modifique o seu plano e/ou insira ou acrescente um esclarecimento (como consequência, podem ocorrer, por ex., *anacolutos, mudanças de construção, parênteses ou acréscimos posteriores*). Se a não-compreensão do ouvinte for devido a um ruído no canal, a repetição será suficiente; **iii.** sempre que perceber que sua formulação não é eficaz, *interrompa-a* e/ou corrija-se na seqüência." (grifos nossos).<sup>2</sup>

Com o amplo desenvolvimento das pesquisas com língua falada,<sup>3</sup> tornou-se claro que descontinuidades como parafraseamento, correção e parentetização, que são atividades de formulação, embora muitas vezes rompam com a organização canônica dos constituintes da frase ("porque decorrem de necessários reajustes da formulação textual em processo" (Jubran 2006:33)), possuem de maneira geral motivações interacionais importantes e por isso constituem estratégias próprias e importantes da fala que, em nível discursivo, cumprem objetivos pragmático-interacionais. Assim, o desenvolvimento dos estudos de língua falada que houve permitiu descartar as "avaliações negativas sobre descontinuidades

---

<sup>2</sup> Além dessas ponderações, a autora faz o que denomina de indicações complementares: "*se o ouvinte pode ou deve notar a correção, pode-se optar por uma **interrupção** seguida de um **novo começo**, ou por uma continuação com uma **inserção** metacomunicativa; se a correção deve passar o mais possível despercebida, convém levar a construção iniciada a seu termo da melhor maneira possível, tentando corrigir-se por meio de esclarecimentos adicionais*" (Betten 1976). (grifos nossos).

<sup>3</sup> Em razão dos limites desta publicação, não faremos uma retomada mais extensa dos estudos de língua falada com os quais este trabalho se relaciona, mas enfatizamos a necessidade de remeter, em especial, a Jubran & Koch (2006), que resume a longa produção dos pesquisadores vinculados ao Grupo Gramática do Português Falado, sob a coordenação de Ataliba Teixeira de Castilho (desde 1988), que estudaram a construção do texto falado na perspectiva textual-interativa, subgrupo de trabalho coordenado por Ingedore Vilaça Koch. Também sugerimos a leitura de obras organizadas por Dino Preti, publicadas pela Editora Humanitas, da FFLCH da USP, com trabalhos dos pesquisadores do Projeto NURC-SP, que vêm sendo publicados desde 1993.

presentes na língua falada, dissociando-as das idéias de ‘defeitos’, ‘disfluências’, ou perdas do fio condutor” (Jubran 2006:32).

### **Hesitação e interrupção**

A hesitação e a interrupção dois outros tipos de descontinuidade, são compreendidas como “fenômenos intrínsecos da oralidade”, “que não se constituem propriamente como estratégias de formulação textual, e sim como atividades de processamento *online*” (Jubran 2006:34).

Quanto aos seus aspectos formais, Marcuschi (2006) indica que a hesitação se materializa por pausas (preenchidas ou não); alongamentos, fragmentos lexicais e marcadores discursivos hesitativos quase sempre alongados e preenchedores de pausas. Propõe como tipos de hesitação as pausas não preenchidas, as preenchidas, as repetições hesitativas e os falsos inícios (quebras lexicais, por ex.). Quanto ao papel da hesitação, ele pondera: “A rigor, tudo indica que o papel cognitivo das hesitações é primordial, indiciando uma atividade de processamento da fala e atividades de enunciação” e “seu papel é muito mais o de sugerir os sintomas de um processamento em curso” (Marcuschi 2006:66-67). Em seus estudos, portanto, o autor considera muito importante esclarecer que a hesitação não pode ser reduzida a uma simples disfunção da fala ou um “defeito” e que ainda que seja um aspecto descontinuador da materialidade textual, não é descontinuador do discurso, da produção de sentidos.

Já a interrupção tem como caracterizadores formais o corte (lexical e/ou sintático) e a retomada (lexical, sintática ou “semântica”), nos termos de Souza-e-Silva & Crescitelli (2006). As interrupções com retomada chegam a ocorrer em 90% dos casos de enunciados interrompidos, segundo pesquisamos, e têm a função de “sinalizar prospectivamente a ocorrência imediata a ela de diferentes estratégias de construção do texto falado, como a correção, a repetição, os parênteses e a paráfrase” (Souza-e-Silva, Crescitelli 2006:82). Além disso, co-ocorrem com frequência com a hesitação,<sup>4</sup> uma vez que ambas, interrupção e hesitação, indiciam o processo de formulação prospectiva, como vimos. Dizemos que, quando a interrupção ocorre com as estratégias de construção do texto falado, ela se dá com uma finalidade (interromper para que?) e, quando ocorre com a hesitação, ela se dá por uma razão (interromper em decorrência de quê?).

---

<sup>4</sup> A interrupção com retomada em 98,3% dos casos por nós analisados co-ocorrem com tais estratégias e com a hesitação.

Hesitação e interrupção, como já foi possível perceber, comungam algumas das suas marcas, conforme também está exposto em Jubran & Koch (org.) (2006), em notas de rodapé: “o corte lexical, tratado na parte sobre interrupção [...] ocorre juntamente com a hesitação” (p. 50); “falsos inícios conjugam a hesitação e a interrupção e são vistos como cortes sintáticos no capítulo sobre interrupção” (p. 56); “repetições de pequenas palavras configuram hesitação que co-ocorrem com interrupção” (p. 72); “quebras de palavra constituem hesitações que co-ocorrem com a interrupção” (p. 73).

Para a discussão das ocorrências de hesitação e interrupção considerando o aspecto interacional, é de total importância que sejam levadas em conta as especificidades do texto falado, e mais particularmente dos D 2, com enfoque especial aos seguintes aspectos: maior dialogicidade, co-produção discursiva ativa e o fato de se apresentar “em se fazendo”, nos termos expostos em Koch (2006) e nos trabalhos dos pesquisadores do Grupo de Trabalho Organização Textual-Interativa da Gramática do Português Falado.<sup>5</sup>

A discussão está delimitada à ocorrência das seguintes marcas formais de **hesitação**: pausas preenchidas; pausas não preenchidas, quando acompanhadas de outras descontinuidades; alongamentos; marcadores conversacionais de preenchimento, quando seguidos de outras marcas e repetições de palavras, e às seguintes marcas formais de **interrupção**: cortes sintáticos; cortes lexicais. As ocorrências estão organizadas, a seguir, segundo o ponto de vista que enfocamos: 1. o do falante (momento em que apresentamos e discutimos ocorrências de interrupção no turno do falante em consequência de motivação interacional) e 2. o ponto de vista do ouvinte (que não só “presta socorro” ao falante hesitante como também faz uso de *backchannel* para dar apoio a ele).

#### 1. Do ponto de vista do falante

Cortes lexicais e sintáticos são a materialização da interrupção, que formalmente indica a incompletude (Souza e Silva; Crescitelli 1996; 2006), como observamos em (01):<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. nota de rodapé 3.

<sup>6</sup> Em todas as ocorrências, evidentemente, muitos outros aspectos, além dos que discutimos, merecem um olhar detido, no entanto, não serão aqui considerados não só em consequência do nosso foco como também devido aos limites deste estudo.

(01)<sup>7</sup>  
L 2 um belo filme foi *Orfeu do Carnaval*  
L 1 foi ... mas esse já é antigo e foi uma co-produção não é?  
L2 | já antigo faz  
muito tempo é  
L1 mais foi uma CO-produção ...  
L2 co-produção ( ) com a Argentina?  
**L1 agora você vê:: a gente ima/ /// não não uma co-produção francesa...**  
L2 francesa?  
L1 com::  
L2 muito bonito aquele filme  
L 1 | com o Camus que seria até um parente do  
Albert Camus não é? que era o ... o o ... o diretor do ...  
do *Orfeu do Carnaval* ... [...]  
(D2.333: 682-92)

Devido à rapidez com que se realizam as trocas verbais, portanto, uma especificidade do texto falado, L 1 já havia começado um turno novo (agora você vê:: a gente (...)) quando se interrompe (auto-interrupção), por meio de um corte realizado na palavra que estava enunciando (ima/ ///), e abandona o que vinha falando (procedendo, portanto, a um corte sintático também) para responder a uma pergunta de L 2 (co-produção ( ) com a Argentina?). Trata-se, claramente, de uma estratégia de fala utilizada para contemplar o sucesso do relacionamento interpessoal: L 2 prefere se interromper e responder para a interlocutora a continuar o enunciado em andamento sem prestar o esclarecimento solicitado.

Também a seguir há interrupção:

(02)  
Doc. por quê ahn? ...  
L2 existem poucas faculdades... e pouco interesse

---

<sup>7</sup> Para a apresentação das ocorrências, manteremos as normas de transcrição do Projeto NURC/SP (Castilho; Preti 1987:9) (ver anexo). Além dessas normas, as marcas de hesitação e de interrupção são sublinhadas; o corte lexical ou sintático é marcado por barras triplas (///); a linha que contém os elementos citados na análise aparece **em negrito**.

... do pessoal ///

L1 {

L2 **em fazer ///**

L1 {

L2 **geralmente é no interior... não é?**

L2 **é e a e a escola boa parece que é a de Piracicaba...  
que é que é a boa é**

L1 {

L2 então tanto que quando eh chega a ponto de até às vezes  
ele éh éh ele:: escrever PAra a faculdade... pedindo...  
a o melho/ ah os nomes dos melhores alunos... dos  
últimos anos ... para poder eh poder procurar

(D2.360: 932-43)

Pode-se perceber que há, em (02), primeiramente, a interrupção sob a forma de corte sintático (em fazer ///**) e, conseqüentemente, o abandono da estrutura sintática que vinha utilizando a locutora e, posteriormente, o seu engajamento em outra estrutura (é e a e a escola boa parece que é a de Piracicaba...que é que é a boa é) para passar a falar do que a interlocutora havia perguntado (geralmente é no interior... não é?).**

Em nível discursivo, vê-se que L 2 prioriza a dimensão interacional da troca verbal: muito embora um de seus enunciados tenha ficado à deriva, o fato que não pode ser desconsiderado é que ela está preocupada em atender à necessidade imediata do outro, em detrimento de sua própria necessidade de completar a fala, ao menos sintaticamente, quanto ao que havia selecionado dizer (existem poucas faculdades... e pouco interesse... do pessoal /// **em fazer ///**). Uma consideração importante é que, na retomada que faz, mesmo apresentando hesitação, ela opta por não abandonar a atenção ao interlocutor.****

As regras de Betten (1976), já mencionadas, justificam a perspectiva aqui adotada de considerar, na análise, que a preocupação puramente sintática com os enunciados orais, quando necessária, deve ser posterior à descrição adequada das estratégias de fala, o que inclui inseri-las em contextos de conjuntos estratégicos mais amplos, enquanto a avaliação dessas estratégias deve ser empreendida considerando-se o sucesso (ou não) da interação.

Corroborar esse procedimento analítico o fato de que, metodologicamente, ao contrário do monólogo, a conversação oferece ao analista do discurso um recurso valioso: cada turno é seguido por um



outro, no qual temos demonstrada a análise feita pelo interlocutor em relação àquele primeiro turno.

Destacamos, neste momento, duas das regras postuladas pela autora: primeiramente, [...] não diga coisas incompreensíveis (para atingir seu objetivo, não ser incompreendido ou mal interpretado, *não perder o contato com o parceiro*, não aborrecê-lo ou envergonhá-lo etc.); em segundo lugar, [...] sempre que perceber que o ouvinte não (mais) o compreende, *interrompa sua fala, modifique o seu plano e/ou insira ou acrescente um esclarecimento* (como consequência, podem ocorrer, por exemplo, anacolutos, mudanças de construção, parênteses ou acréscimos posteriores). (Betten 1976). (grifos nossos).

Considerando esse destaque, pode-se afirmar que, em (01) e (02), os falantes cujos enunciados apresentam interrupção agem motivados pela dimensão interacional, não porque, usando a palavras de Betten (1976), tenham dito algo incompreensível ou tenham percebido que seus ouvintes não as compreenderam, mas em razão de terem verificado que seus interlocutores pediam esclarecimentos adicionais. Optaram, dessa forma, por interromper a fala, modificar o plano e inserir os esclarecimentos solicitados,<sup>8</sup> tendo em vista a necessidade de não perderem o contato positivo com o parceiro, ou seja, mantêm-se explicitando o interesse pelo interlocutor, pela conversação.

## 2. Do ponto de vista do ouvinte

É necessário analisarmos as ocorrências seguintes do ponto de vista do interlocutor que interage com o falante cujo texto apresenta hesitação e/ou interrupção. Olhar dessa maneira, e verificar a ação dos dois participantes quanto à construção dos enunciados orais, faz destacar a dimensão interacional da situação comunicativa.

Como se sabe, noções do senso comum a respeito da interrupção e da hesitação, assim como a respeito da própria língua falada, enfatizam indevidamente tão somente o seu aspecto de sinalização ou representação de dificuldades. Provavelmente por essa razão, quando ocorrem marcas desses fenômenos, no texto do falante, como em (03), o interlocutor tende a interpretar o segmento como pedido de ajuda:

---

<sup>8</sup> Conforme já mostrado, Souza-e-Silva & Crescitelli (2006) indicam que a interrupção, além de ser absolutamente freqüente no texto falado, indicia, em geral, outras estratégias que compõem o processo de elaboração desse texto, tais como: correção, parênteses, repetição e paráfrase, e co-ocorre muitas vezes com a hesitação.

(03)  
L2                    *A Moreninha* foi um filme LIMpo...  
L1        ahn  
L2        **não é? ... um filme:: ah ah profissionalmente limpo**  
L1        **bem feito**  
          |  
L2        **bem feito não é? como como**  
L1        **paisagens maravilhosas**  
          |  
L2                    **paisagens como como... como TUdo...**  
          **como... pesquisa de...**  
L 1    e ... e *A Moreninha* ficou justamente naquele mu-si-CAL  
          ... naquela era dos musicais que eram tão gos/ éh  
          produziam coisas tão gostosas (...)  
                          (D2.333: 783-90)

A hesitação de L 2 mostra a sua procura pelo adjetivo adequado (um filme:: ah ah profissionalmente limpo). Diante disso, L 1, procurando colaborar, faz uma sugestão (bem feito), que é aceita por L 2 que continua sua fala que ainda apresenta ocorrência de repetição de pequenas palavras. Uma vez mais, isso é interpretado, pela interlocutora, como um pedido de auxílio. Assim, essa última faz nova sugestão (paisagens maravilhosas), aproveitada parcialmente por L 2 (paisagens como como ... como TUdo...). Percebe-se que L 2 aceita duas vezes seguidas a colaboração de L 1.

É praticamente o mesmo que volta a ocorrer em (04) e (05), pertencentes a outro inquérito:

(04)<sup>9</sup>  
L2        ele joga?  
L1        ele joga  
L2        ah  
L1        **ele gostaria de:: jogar no::**  
L2        **no dente de leite**  
L1        **no dente de leite...** mas o horário para mim era ruim  
                          (D2.360: 1302-07)

(05)  
L1        ma::s::... deixo praticar o esporte tudo mais e deixo  
          seguir a carreira mas desde que ele tenha uma infrastru/

---

<sup>9</sup> L 1 está falando sobre a aptidão de seu filho para esportes.

estrutura cultural... senão vai ser um boboca por aí  
não?... e:: ele segue os

- L2 |  
L1 | ahn ahn  
L2 |  
L1 | **salários dos::///**  
L2 | **jogadores**  
L1 | |  
L1 | **ele segue os salários dos jogadores... através da::**  
L2 | **revista Placar... é uma revista:: ///**  
L2 | **especializada em esporte...**  
L1 | |  
L1 | **especializada em esporte ...** então diz desde  
o salário daquele que ganha mil e trezentos cruzeiros até  
aquele que ganha ... acima de quarenta acima de  
cinquenta ... (...)  
(D2.360: 1317-29)

Em ambos, L 1 apresenta, em seus turnos, alongamentos, que são uma marca de hesitação, e cortes, que são concomitantemente marcas de interrupção e hesitação (ele gostaria de:: jogar no::; salários dos::; é uma revista::). L 2 vai em seu socorro colaborando com uma sugestão de complementação e aquela locutora aceita as contribuições, incorporando-as. Evidentemente, tem-se destacado, nesses casos, o caráter acentuadamente colaborativo de tais intervenções, que geralmente ocorrem precedidas por interrupções e cortes.

Os trechos (06) a (07) também nos ajudam a mostrar a co-construção do texto conversacional:

- (06)  
L 2 | é que se faça hoje um jornalismo ... (com) todas as suas  
formas ... que se faça um jonalismo VERTical ((buzina  
em superposição)) ... isto é indo às causas indo às fontes  
... e não apenas essa coisa que que justamente ... /// esse  
sistema da da aGÊNCIA ... ///
- L 1 | da agência  
L 2 | é que é que torna superficial  
L 1 | |  
L 1 | superficial  
L 1 | é  
L 2 | completamente  
L 1 | é ...  
L 2 | não é?  
L 1 | |

L1 horizontal  
 L2 então não vai nunca às causas  
 L1 é  
 L2 **não não há um não há um... um debate mais profundo...**  
 L1 **um aprofundamento... (...)**  
 (D2.333: 1006-23)

(07)  
 L1 (...) fiscalizar essas escolas de Medicina porque (ter)  
 uma escola de Medicina tem que ter... naturalmente um  
 hospital... tem que estar ligada a um hospital para  
**poder atender::... atender as::... exigências do curso**  
 L 2 **do curso**  
 L 1 do curso de Medicina  
 (D2.62: 653-61)

As ocorrências (06) e (07) também ressaltam o aspecto interacional, na medida em que apresentam sobreposições altamente colaborativas: o ouvinte, diante da hesitação e/ou da interrupção do outro, assume o papel de falante e presta-lhe socorro, ainda que em forma de sobreposições. Há interação sintática e discursiva praticamente perfeita: “a contribuição corresponde exatamente ao que o falante vai dizer e a interação se dá em nível sintático e discursivo (progressão do tema)”, fenômeno denominado “sintaxe a dois” por Preti (1988:233). O que se vê é uma evidente relação dialógica de acordo, que é expressa pela heterorrepetição.

Tal interação pode ser perfeita total ou parcialmente:

(08)  
 L2 então tanto que quando eh chega a ponto de até às vezes  
 ele éh éh ele:: escrever PAra a faculdade... pedindo...  
 os melho/ ah os nomes dos melhores alunos... dos  
**últimos anos... para poder eh poder procurar**  
 L1 **localizar**  
 L2 para poder localizar... porque REalmente a dificuldade  
 é grande  
 (D2.360: 941-47)

- (09)
- L2 é difícil porque tem que manter... **do dos dos** próprios clientes não pode ser feito isso... é uma questão de ética
- L1 (certo)...
- L2 [ (então a firma) não pode tirar das pessoas... dos **seus próprios clientes pode tirar:::... elementos**
- L1 [ **peessoal**
- L2 não pode tirar pessoal quer dizer então tem que ser de:: firmas estranhas... né?... (...)  
(D2.360: 1103-10)
- (10)
- L1 ... porque depois de um de um de um estágio em trabalho e tudo isso você necessita aquilo você pode coadunar perfeitamente deveriam existir muitos cursos de especialização... a gente vê alguns vários até aí na nossa área por exemplo mercado de capitais existe alguns...
- L2 existe...
- L1 **e outros mais... a Getúlio Vargas inclusive é uma que:::... ///**
- L2 **lança cursos de...**
- L1 **tem os cursos assim nesse sentido** é ela... dentro da área de Economia tem o IPE (lá) da USP... e:: são poucos... existia um outro parece que na Universidade:: Estadual de Campinas né? da :: CEPAL ...  
(D2.62: 815-26)

Em (08) e (09), imediatamente após ocorrerem hesitações no turno do falante (L 2, nos dois casos) (para poder eh poder procurar; seus próprios clientes pode tirar:::... elementos), o interlocutor, L 1, faz a sua intervenção colaborativa em sobreposição (localizar; pessoal). Ainda que as sugestões não tenham sido exatamente as mesmas dos falantes no que se refere à opção vocabular (os falantes prosseguem usando outros termos, de modo que isso sinaliza que não há plena aceitação da sugestão), é nítida a perfeita interação sintática e discursiva.

Em (10), a situação de (08) e (09) se repete, mas parcialmente, uma vez que não há sobreposição de vozes em consequência de ter havido uma pausa mais extensa de L 1. Nessa ocorrência, portanto, as complementações do enunciado interrompido, realizadas por L 1 e L 2, não se deram simultaneamente. Importa salientar que, nos três trechos

expostos, “a contribuição é semelhante às palavras do falante e a interação se dá também nos dois níveis” (Preti 1988:233).

Por fim, há uma outra forma de contribuição, em (11) e (12), em que o resultado não é de integração perfeita:

(11)  
 L1 não... eu... eu me preparei para ser... mãe  
 de muitos filhos... sabe?  
 L2 ahn ahn  
 L1 **e eu achei que NÃO... poderia haver... assim ahn::**  
 L2 **opção::: nem**  
 [
   
 L1 eu não poderia ah levar bem ah o meu...  
 a a minha profissão... e:: e o meu::... *status* de dona  
 de casa de mãe de família  
 (D2.360: 1196-1203)

(12)  
 L2 tinha havido um assassinato  
 [
   
 L1 não não foi lá o  
 assassinato  
 L2 não?...  
 L1 **lá era foi uma pensão:: e nessa pensão morava o::...**  
 L2 **Medeiros não é Medeiros...**  
 [
   
 L1 ArTUR Malheiros::...  
 L2 não é Malheiros... ( )  
 (D2.396: 1137-42)

Mesmo sendo bastante presente a preocupação com o aspecto interacional já que o falante tem em vista colaborar com o interlocutor, em (11) e (12), as contribuições de L 2 são diferentes do que L 1 vai realizar, ainda que em nível sintático ocorra interação perfeita (a complementação colaborativa encaixa-se adequadamente). As contribuições de L 2 nos dois inquéritos não estão em absoluta consonância com o que os locutores (L 1) tinham a dizer, por isso são descartadas quando esses últimos fazem a retomada de seus turnos.

Mantendo-nos, ainda, na perspectiva do interlocutor que percebe a hesitação ou interrupção no turno do falante, é importante enfatizar a

interferência do interlocutor que se preocupa em usar, adequadamente, *backchannels* para demonstrar compreensão ou apoio àquele que hesita, como vemos em (13):

- (13)<sup>10</sup>
- L1 então ele trabalha  
 [
- L2 ( )
- L1 NA Secretaria da Justiça...  
 [
- L2 ahn ahn
- L1 **se... bem que...o lugar dele seja nos Transportes né?**
- L2 **ahn ahn**
- L1 **ele é responsável pela chefia lá e:: /// não foi preenchida...**  
**ahn::**
- L2 mas ele acumula ou não ele está sendo substituído lá  
 [
- L 1 não não pode acumular lá está  
 sendo substituído  
 [
- L 2 **sendo substituído ... ahn ahn certo**  
 [
- L 1 não é? ele é o titular ...
- L 2 **ahn ahn**
- (D2.360: 848-57)

Em relação ao uso de *backchannels*, Riegenbach (1991), entre outros, considera que, de maneira geral, contribuem para o desenvolvimento da conversação e possibilitam ao interlocutor indicar interesse pela conversação e pelo falante. Mas ele afirma que é de maneira geral porque, em sua análise da disfluência em falantes não nativos, constatou o uso automatizado de *backchannel*: o ouvinte, enquanto dava sinais aparentes que indicavam compreensão ou atenção ao interlocutor, na verdade, pouco prestava atenção, rompendo o fluxo da conversação.

Situações como essa revelam que o uso desses sinais pode dar a impressão errada de que o interlocutor é colaborativo. Diferentemente disso, em (30), L 2 efetivamente fornece indicações de apoio à L 1 (ahn ahn; sendo substituído ... ahn ahn certo), a fim de que essa última se sinta mais à vontade para prosseguir com sua fala, que aparenta passar

<sup>10</sup> Contextualização: L 1 enuncia que seu marido é Assessor do Secretário da Justiça.

por momentos críticos, materializados na superfície lingüística em forma basicamente de pausas preenchidas, pausas não preenchidas e cortes.<sup>11</sup>

### Considerações finais

Utilizamos, para a discussão da influência do aspecto interacional nas ocorrências de hesitação e interrupção, inquéritos D 2 do Projeto NURC-SP, cujos informantes são falantes de uma variedade que se sobressai às demais, “por corresponder aos usos e atitudes de determinado segmento da sociedade, precisamente aquele que desfruta de prestígio dentro da comunidade maior, em virtude de razões políticas, econômicas e culturais” (Castilho, 1986). Por essa razão, seria possível “pressupor” que suas falas seriam as que menos apresentariam hesitações ou interrupções.

Ocorre que ambos os fenômenos são intrínsecos da oralidade e, portanto, mesmo nesse *corpus*, encontramos tais discontinuidades em abundância. Em relação à interrupção, por exemplo, fazendo referências a um estudo anterior, mostramos que a incompletude sintática não é acompanhada necessariamente pela interrupção ou alteração do tópico discursivo; ao contrário, ela se dá essencialmente seguida pela retomada. Já a hesitação indicia o processamento textual, não podendo ser vista como disfunção meramente, conforme mostraram amplamente os trabalhos de Marcuschi.

Assim, como mostramos, houve muito avanço nas pesquisas de língua falada também a respeito das discontinuidades. Mas consideramos relevante o registro de que, em relação à interrupção, por exemplo, nossos estudos anteriores (Souza-e-Silva & Crescitelli, 1996, 2006) tinham um enfoque mais nas marcas formais da interrupção. Neste artigo, procuramos outra direção e pudemos explicitar algumas das razões de ordem discursiva, interacional que justificam e explicam as ocorrências de ambas as discontinuidades e que apontam, portanto, para a intensa colaboração empreendida pelos interactantes.

O avanço das pesquisas também se reflete no fato de que, hoje, existem inclusive trabalhos que utilizam a Análise da Conversação para analisar as trocas interacionais em contextos virtuais de comunicação, como *chats* (salas de bate-papo) e fóruns, em que há intensa interação, mesmo a distância. Há os que tratam especificamente das discontinuidades presentes nesses contextos, como é o caso de Rodrigues (2006).

---

<sup>11</sup> Apresentamos apenas um trecho, mas a observação do inquérito na íntegra nos permite fazer essa afirmação.



Estudos como este que tratam da perspectiva interacional se valem de categorias que emergem da própria situação comunicativa e não de categorias *a priori*. A observação sistemática das interações verbais, como se sabe, permite-nos compreender os recursos e as estratégias de que se valem os interactantes nas situações cotidianas em que sempre está presente algum tipo de negociação implícita ou explícita: “como é a interação (imediate) o que importa, ocorrem pressões de ordem pragmática que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe” e obrigam o locutor a sacrificá-la “em prol das necessidades de interação” (Koch, 2006:46), as quais vão paulatinamente se descortinando e sendo construídas ao longo do evento.

### Referência Bibliográfica

- BETTEN, A. 1976. Ellipsen, Anakoluthe und Parenthesen. In: *Deutsche Sprache*, 4 (Tradução de Fernando Cazarini, Assis/SP).
- CASTILHO, A. T. 1986. Apresentação. In: CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo — Projeto NURC/SP* — vol. I — Elocuções Formais. São Paulo: T. A. Queiroz.
- \_\_\_\_\_.; PRETI, D. (org.). 1987. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo — Projeto NURC/SP* - vol. II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz.
- CRESCITELLI, M. F. C. 1997. *Disfluência conversacional em falantes cultos (NURC-SP)*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP.
- JUBRAN, C. C. A. S. 2006. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil — volume 1*. Campinas: Ed. Unicamp.
- \_\_\_\_\_.; KOCH, I. G. V. (org.). 2006. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil — volume 1*. Campinas: Ed. Unicamp.
- KOCH, I. G. V. 2006. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil - volume 1*. Campinas: Ed. Unicamp.
- MARCUSCHI, L. A. 1991. Análise gramatical e Análise da Conversação — pontos de contato. *Boletim da ABRALIN*, (10): 11-32, janeiro.
- \_\_\_\_\_. 1993. *O tratamento da oralidade no ensino de língua*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco (Programa de Pós-graduação em Letras).
- \_\_\_\_\_. 1995. *A hesitação*. Recife (inédito).

- \_\_\_\_\_. 1999. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*. São Paulo/Campinas: Humanitas (FFLCH-USP)/Ed. Unicamp.
- \_\_\_\_\_. 2006. Fenômenos intrínsecos da oralidade - Hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil — volume 1*. Campinas: Ed. Unicamp.
- PRETI, D. 1988. A língua oral: a sobreposição de vozes como um elemento da sintaxe de interação no ato conversacional. *Estudos Lingüísticos. XVI Anais de Seminários do Gel*. Taubaté, Universidade de Taubaté.
- \_\_\_\_\_.; URBANO, H. 1990. A sobreposição de vozes numa perspectiva psicocultural e interacional. In: PRETI, D.; URBANO, H. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - estudos*. Volume IV. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.
- RIGGENBACH, H. 1991. Toward and understanding of fluency: a microanalysis of nonnative speaker conversations. *Discourse Processes*, 14: 423-441.
- RODRIGUES, V. P. 2006. *Descontinuidades na conversação: as reformulações na construção do diálogo do chat*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC/SP.
- SOUZA E SILVA, M. C. P.; CRESCITELLI, M. F. C. 1996. Sem querer interromper... e não interrompendo. In: KOCH, I. G. V. (org.), *Gramática do Português Falado — vol. VI - Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp/ Fapesp.
- \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. 2006. Fenômenos intrínsecos da oralidade — Interrupção. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil — volume 1*. Campinas, Ed. Unicamp.

Anexo

**SÍMBOLOS DA TRANSCRIÇÃO**

OCORRÊNCIAS	SINAIS E EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Hipótese do que se ouviu	(hipótese) ex: (estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/ ex: e com
Entoação enfática	maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	:: ex.: podendo aumentar para:::: ou mais
Silabação	- ex.: (tran-sa -ção)
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas)) ex: ((tossiu))